

POEMAS DE CLARRISSA YEMISI

Consagração

No altar promíscuo da noite
ergue-se tinta
a hóstia
envergonhada

Do corpus triste
escorre
sal e gozo
em cálice de narciso

No dorso do espelho
o arrepio das águas.

Aurora

A luz pingava sobre as cabeças
rolava pelo rosto azul
quicava no colo até
borrar o peito e
untar o corpo inteiro.

Vinha agasalhar as cores frias
com a língua

E lambeu tudo,
mas tudo era figurino

sobre girassóis
de gelo.

Às margens do Sanhauá

A velha mão esquerda da cidade
Com os dedos macerados pelo rio
Não sente, em suas linhas, o assobio
De um trem que desafia a eternidade

Cavalga sobre os trilhos, muito lento
Sem perceber se está distante ou perto
Seguindo a exatidão de um rumo certo
A um'outra plataforma do relento

Em baforadas quentes de fumaça
Esvai-se a luz de um tempo, a juventude
E embora tudo o quanto é vivo mude
Há qualquer coisa ainda que não passa...

Na contramão do rio, o canoeiro
Após enrodilhar o seu anzol
Desliza sobre as águas em que o sol
De manhãzinha, vem beijar primeiro

As aves, na sangria do horizonte,
Que vai fechando o olho azul lazúli,
Extasiadas fazem que tremule
As suas asas brancas sobre o monte

Quais lápides de pedra, os casarões
Erguidos sobre o pó de seus senhores

Carregam o epitáfio dos amores
E os ecos de patéticas canções

Ao som dos madrigais e serenatas
Dançavam lábios, cordas, corações
Mas hoje, ao chacoalharem os vagões,
Ouvimos gargalharem as baratas!

Varandas neoclássicas roídas
Altar de moças puras – as mais belas
Engasgam-se de folhas amarelas
Que mais parecem cascas de ferida

Nas taças, refratada, a luz do vinho
Encandeava o azul das nobres raças
Mas, nesta noite, brinda, pelas praças,
Aos tragos da cachaça, alguém sozinho.

Ruína... sobrevives, inconsciente
O abraço do garrote é tua pena
Não sentes mais os dentes da gangrena
Roerem teu concreto e tua gente.

Eu venho, aqui, olhar a tua morte
Mas teu destino é estranho a nós, mortais:
Estar com a morte e não morrer jamais
Teus muros podres servem-lhe de forte

Em Tempo algum tu foste minha casa
Meus pés nunca pisaram teu sobrado
No entanto, tu te arrastas a meu lado
Inválida, qual pássaro sem asa

E eu amo o teu semblante entristecido
Teu hálito de amante, a tua paz
E o meu amor estúpido não faz
Nem mesmo para mim nenhum sentido

Mas quando a morte, enfim, mudar de idéia
E abocanhar teu último tijolo
Não regarei teu túmulo qual tolo
A lamentar a sorte de Pompéia...

Tu cantarás pra mim, cidade velha!
E sobre os espigões de João Pessoa
Ecoas, Parahyba que te escreves
Das Neves, Frederica, Filipéia...

Transfiguração

Não me venhas dizer que enlouqueci
De dedo em riste e farpas na garganta
Se o meu não ter nem ser Limite espanta
É que há cegos que só sentem a si

Se estou louca, que importa? Renasci!
Já fui Anjo, Princesa, já fui Santa
E fui a flor que às vezes o amor planta
Hoje espalho-me em cacos de rubi!

E de tanto ser Nomes eu sou Tudo
que diz o olho a espreitar por trás do escudo
- esta sombra em que esbarra a minha mão...

Mas se queres que eu seja um nome apenas
sou a que tu não vês e que condenas
por não teres na boca o coração!

Procissão de fé

Não sou profissional coisa nenhuma
A poesia, em mim, é um ritual
De gozo e sacrifício sem igual
Grito por fé, não por ofício, em suma.

Trago a palavra em mim qual marginal
Faço que corte, mate e me consuma
E busco, inutilmente, a que resuma
Uma qualquer Verdade, a bem ou mal

E se, num grande acaso, eu tropeçasse
Na tal Verdade em cor e carne viva
Nada mais eu diria a não ser “Passe...

...Que eu não quero cultuar nem Deus nem Diva
Quero, tão só, rasgar o teu disfarce
E, depois de te ver, que eu sobreviva!”

Às flores

A penumbra da noite agonizante
feito o vulto que encobre o rosto triste
pelo medo da morte, em vão, insiste
em pesar sobre o mar o último instante
mas se deixa vencer, não obstante
espalhar ao redor melancolia
e sangrar, como sempre acontecia

gotas mornas em tons alaranjados
salpicando-as em nós que ali, cansados
contemplamos, sem voz, a dor do dia.

Dor de mãe, dor de parto, de alegria
de se ver renascer o que era morto
não se sabe se é ruim ou reconforto
dar a vida ao que já não mais sofria
mas se a vida é bem quista, todavia
seja dura, penosa, amarga, louca
e estremece até mesmo a voz mais rouca
pelo instinto animal de permanência
é porque, contrariando a consciência
quer-se ter alegria, embora pouca.

Não importa se é simples ou barroca
desde que seja imensa, exagerada
mas se for rara, parca, quase nada
já não se há de dizer que a vida é oca..
mil palavras me vêm, agora, à boca
mas somente o silêncio tem razão
pois não traz, em essência, imperfeição
e nos faz perceber como é bastante
ver o parto do dia exuberante
para as flores.. não queira explicação.